

Introdução

A minha história com a leitura nasceu e cresceu no ritmo da minha curiosidade, ainda pequena demonstrava que seria uma leitora voraz. Embora não venha de uma família de leitores, meu pai gostava de me ensinar a recitar os poemas que tinha aprendido na escola. Apaixonado por passarinhos, a Canção do Exílio, de Gonçalves Dias, era o seu preferido. Na falta de livros, os rótulos dos vidros de pimenta serviam de cartilha durante o jantar.

A paixão pelos livros, essa veio quando eu tinha 10 anos, na biblioteca do Colégio Estadual Newton Ferreira da Costa, em Curitiba. As opções não eram muitas, rapidamente já tinha devorado toda a Coleção Vagalume, não havia outras opções. Como toda escola pública, lá a história não era diferente, a responsável também não era bibliotecária por formação. Na dúvida do que indicar para ler, ela me deixava ler os catálogos deixados pelas editoras e quando havia verba para comprar, até me deixava escolher alguns. Alguns anos depois, minha mãe já me deixava ir ao centro da cidade, na Biblioteca Pública do Paraná, lá as opções eram infinitas.

Em 1995, o objetivo era passar no vestibular, já trabalhando e estudando, não havia tanto tempo livre para leitura. Entretanto, a minha paixão por livros já era famosa – entre um emprego e outro – o pai de uma amiga do colegial, dono de uma distribuidora de livros, perguntou se eu não gostaria de fazer parte da equipe de vendedores dele. Eu gostava de livros, gostava de conversar, ela acreditava que aquele era o meu negócio. Assim, começou a minha história profissional com os livros. O Senhor, José Ribeiro, é paulistano, vindo do comércio de livros chamado, porta-a-porta. Em Curitiba ele montou um esquema um pouco diferente, era de creche-em-creche, de escola-em-escola, de pré-escola em pré-escola. Ele gostava de vender para professoras e futuras professoras do Instituto de Educação.

Eu gostava e ao mesmo tempo me deprimia, o despreparo das professoras e bibliotecárias, nunca sabiam qual livro comprar. Era o tempo das verbas do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) direto nas escolas. Elas vinham com valor que a escola tinha para gastar, uma lista de coisas, entre elas, livros. Como trabalhávamos basicamente com coleções para pré-escola, eu comecei a procurar editoras e a estudar catálogos. Se dependesse de mim os alunos teriam outras e

melhores opções para ler, não só os livros da Coleção Vagalume. Comecei a comprar livros de teoria literária, livros sobre livros e sobre leitura, foi quando conheci o trabalho da professora Eliana Yunes. Enfim, passei bons anos me relacionando com professoras e bibliotecárias, li muitos catálogos, vendi muitos livros, conheci muitas editoras. Depois fui encarregada de Livraria da Rede Saraiva, quando o grupo montou em Curitiba a sua primeira mega-loja.

Do universo das escolas, passei para o das livrarias, das editoras e dos escritores, de divulgadora-vendedora-encarregada de loja, em 2000, nascia a Confraria da Palavra – representante do Grupo Record em Santa Catarina – era a entrada para o mundo da distribuição de livros, em 2002 representávamos 32 editoras, atendíamos 180 pontos de venda em SC e não sei precisar nesse momento o número de títulos distribuídos, mas foram muitos.

“Andar por entre paredes de livros, enfileirados, organizados, coloridos, apoiados uns nos outros, como a confessar sua incompletude e a necessidade de companhia continuada, era como passear no bosque das palavras, querendo nele perder-me para encontrar-me [...] por salas e quartos, despensa e cozinha, desvãos e janelas, cobertos todos, do chão ao teto, por livros que tentam, felizmente, tratar dos saberes dos homens. A sensação da leitura futura e possível, do conhecimento e do lazer a derramar-se em ondas virtuais naquele ambiente de promessas e de delícias, fez do passeio pelo espaço da Confraria da Palavra um mergulho na história pessoal e na atualidade do conhecimento.

Livro novo representa o desafio da criança nova: as promessas nele estão contidas em sua forma inaugural. A possibilidade de todas as mãos e olhares. O desvirginamento dos primeiros sentidos. A percepção dos primeiros toques amorosos, interessados e curiosos. O primeiro folhear, o cheiro ainda presente da tinta e do papel originais. Uma história de vida a ser construída, projeto ainda, silêncio de gestação, crescimento anunciado (Costa, 2006).

“O mercado editorial é um Mercedes circulando em rodinhas de rolimã”.

A metáfora usada pelos professores, Fabio Sá Earp (UFRJ) e George Kornis (UERJ) – ao divulgar a pesquisa realiza sobre a economia do livro no Brasil – ecoou fundo. Em 2005, depois de 10 anos no mercado, eu sentia na pele a crise do negócio do livro. *“O desempenho do mercado editorial deve ser tratado como um problema, para o país precisa virar dor de cabeça”.* Os números que eu via passar pelas minhas mãos nos relatórios mensais de venda que preparava para as editoras, eram demonstrados nos gráficos dos professores. *“A falta de organização do setor também não condiz com a importância do produto”.*

Depois de 10 anos, não tinha mais volta. Durante a faculdade de Comunicação Social eu acreditava que a minha relação profissional com o livro fosse temporária – apenas pagar a faculdade – naquela época eu queria trabalhar com Marketing Político. A Prof. Dra. Marta Moraes da Costa, na época, era Diretora do Departamento de Letras da PUC do PR, eu estava sempre por lá. Levando novidades ou algum escritor para conversar com os alunos e também aproveitando para ouvir as palestras e suas sábias palavras. Ela dizia que o meu lugar era Letras. Eu ainda não tinha essa certeza, mas fiz uma promessa, se eu ainda estivesse trabalhando com livro ao me formar, voltaria para fazer uma pós-graduação em Letras. Embora eu tenha voltado à PUC em 2004 para fazer uma especialização em Literatura Infantil e ser orientada pela própria professora Marta, ainda faltava alguma coisa.

Essa dissertação é também parte dessa promessa, as orientações da professora Marta, as pesquisas e as palestras do professor Fábio Sá Earp, me motivaram ainda mais a mergulhar e explorar esse universo dos livros. Entretanto, uma série de matérias chamava atenção, nelas pesquisadores e jornalistas chamavam alertavam sobre uma possível “morte do livro”. Entre apocalípticos e integrados, eu pensava no acesso irrestrito à informação que a internet possibilita.

A convivência com experientes pesquisadores da Cátedra UNESCO de Leitura e a participação no projeto do Portal¹, o entendimento da importância da prestação de serviço no campo da Leitura que a ELO (Estação de Leitura Online) oferece foi fundamental na decisão do tema da pesquisa. Comecei a recolher recortes de jornais, a comprar revista de tecnologia, visitar sites, participar de comunidades, blogs e rapidamente o universo digital me conquistou.

O departamento de Letras da PUC-Rio e a Universidad Nacional de Rosario na Argentina são universidades conveniadas, por meio de uma bolsa Capes, entre setembro de 2009 e janeiro de 2010 tive a oportunidade de aprofundar minha pesquisa na Argentina, participando de seminários, colóquios e conferência sobre “livros, cadeia de valor e sinergia com o entretenimento”. Além do contato com uma ampla disponibilidade de bibliografias ligadas direta e

¹ Disponível em - www.catedra.puc-rio.br

indiretamente com o tema. Conheci outros mercados – Argentina e Urugay – e o comportamento do sistema produtivo do livro, inclusive uma editora que já atua de forma 100% digital.

As novas tecnologias oferecem oportunidades para ajudar a superar os limites de tempo e espaço, encurtando distâncias as informações circulam levemente e à velocidade da luz, aceleram mudanças na sociedade forçando uma adaptação. Essa transformação radical requer um uso inteligente dos novos meios e instrumentos da informação. Os novos meios de comunicação já são um fator principal para mudanças de nossas vidas e seguirão sendo em um futuro próximo em praticamente todos os campos, começando pelo acesso a informação e ao conhecimento. Não estamos falando de uma era de máquinas inteligentes, mas de pessoas que através das redes, podem compartilhar sua inteligência, seu conhecimento e sua criatividade. Tal como preveu Nicholas Negroponte em 1995, o mundo hoje é digital.

Para os gregos a curiosidade é a base dos alicerces da sabedoria e esta só se satisfaz por meio do diálogo e da interrogação. Graças à viagem dos *bits*, nos vemos submersos numa espécie de diálogo universal. Conectadas segundo interesses comuns, no espaço virtual as pessoas podem contribuir e obter informação. Dispositivos móveis dão acesso a web. Redes como, Facebook, Twitter, YouTube, Blogger, Google Earth, Google Books, entre outros geram formas de interação. Para Alonso² e Arébalos (2008:12), a *internet* e o uso da *web* tem criado uma “meritocracia informática”, na qual, a informação mais acessada, é, conseqüentemente, mais visível e facilmente encontrada. Os países da América Latina não são diferentes de muitos países do mundo que estão comprometidos com a criação e uso de uma nova infraestrutura informática que garante um efeito direto sobre o comércio nacional e internacional.

Hoje os produtos e as práticas introduzidas na cultura escrita contemporânea pelas novas tecnologias têm mudado as regras e as modalidades do processo, através dos quais, um texto escrito é composto, registrado, transmitido e conservado, além da própria natureza do texto, reduzido a *bits*

² Gonzalo Alonso é licenciado em Comunicação pela Universidade Novo Mundo (México). Foi diretor geral de Mercado da América Latina da Google. Atualmente é vice-presidente de operações da *Globant*, uma empresa de software e tecnologia.

acrescido de som e imagem transita por uma tela. Provocando mudanças, também no campo da cultural e editorial, assim como nas formas de registrar e conservar o escrito; da materialidade a virtualidade, da duração a fugacidade, com importantes mudanças no modo de conceber as práticas e os processos de transmissão do saber.

O objetivo central desse trabalho é realizar uma descrição analítica, buscando identificar as consequências desses fenômenos tecnológicos na literatura e, principalmente, suas influências sobre as categorias do sistema literário e da cadeia produtiva do livro: produtor e consumidor do texto, discurso literário entendido como produto, editoras e condutas de mercado. Delineando os impactos da integração das novas tecnologias da informação e da comunicação, tanto nos modos de ler e de escrever, como na apropriação dos saberes.

Para explicar a evolução da internet apresentaremos no primeiro capítulo cinco paradigmas históricos – baseados no artigo de Alonso e Arébalos (2008) “Cómo llégaron los usuarios a vivir en la red” – é possível visualizar a evolução da figura do usuário que começou nula, passou por diferentes estágios e hoje tem o mundo digital totalmente incorporado ao seu cotidiano. No segundo, vemos no século XX – que se iniciou com o êxito do cinema nas primeiras décadas finaliza com o êxito do computador nas últimas – é marcado pela transição de uma cultura que se baseiava no papel a outra cujo suporte é a tela. Em seguida tratamos dos novos suportes, como aparelhos como o *iPad* e *Kindle* estão reinventando o modo como lemos, ao transformar o papel em bits. O trabalho se encerra com dados da economia do livro que percorre o negócio do livro da Gáxia de Gutenberg a edição 2.0. Para constituir esse panorama que pretende ser mais reflexivo do que crítico, recorreremos autores como, Roger Chartier, Frédéric Barbier, Pierre Lévy, George Landow, Hans Robert Jauss, Wolfgang Iser, Pierre Bourdieu entre outros.